

O estilo e o acabamento na dramaturgia do espetáculo

Neyde Veneziano (DAC / UNICAMP)

GT Dramaturgia, Tradição e Contemporaneidade

Palavras-chave: dramaturgia, espetáculo, cena, texto-espetáculo, estilo, estética.

Os termos deslizam uns sobre os outros: estilo, estilização, estética, concepção, acabamento. Não nos cabe aqui nos determos em discussões lexicais, mas determinar nossos códigos a fim de que possamos desenvolver um pensamento sobre o tema.

Ainda assim, o sentido que se dá à palavra “estilo” é amplo e, às vezes, impreciso. Para nós, será entendido como o conjunto de signos utilizados durante em determinado período (conjuntos estes que resultaram em diferentes movimentos artísticos) ou, de forma individual, por um determinado artista que, no ato de criar, sobrepõe seu “estilo” aos códigos da moda. Assim podemos levar em conta, paralelamente aos estilos naturalista, classicista, expressionista e tantos outros “istas”, o estilo pessoal que o artista imprime à sua obra.

O estilo resulta de uma convenção, isto é, do reconhecimento das regras do jogo. No espetáculo teatral, é o estilo que vai revelar, em relação à obra escrita ou pré-concebida, a concepção simbólica da encenação.

O estilo pode ser tomado, enfim, como um sistema de códigos (conjunto de signos) objetivando a criação de uma poética.

Experimentemos, agora, aportar em terras teatrais, onde as expressões “texto-dramático” e “texto-espetacular” merecem especial atenção. O texto dramático é, tradicionalmente falando, um gênero literário que tem, obviamente, um “estilo” próprio. Deixemos de lado as definições ou não seguiremos adiante.

Partindo do pressuposto de que o espetáculo teatral monta ou se baseia em um texto dramático (ainda que este texto venha a ser um simples roteiro, um *canovaccio* ou uma paródia) vai-se criando, aos poucos, o “texto-espetacular” que seria, de uma forma bastante simplificada, o conjunto de todos os elementos que compõem o espetáculo teatral: interpretações, gestos, intenções, marcações, figurinos, cenografia, iluminação, sonoplastia. Todos estes elementos precisam ser organizados, ou submetidos a uma sintaxe cênica a fim de formarem um conjunto harmonioso desta obra de arte, agora independente, chamada “espetáculo”. Este organizador, este regente do conjunto, é o diretor. Será dele, portanto, o *estilo* da encenação. A ele caberá a harmonia, o arranjo polifônico de todas as vozes da cena.

Mãos à obra...

A fim de realizar a obra, fiel ao estilo proposto, o primeiro passo do encenador deverá ser aquele de expor seus códigos ao elenco, facilitando os trabalhos seguintes.

Mas a criatividade não nasce de explicações e ensaiar é, principalmente, agir em voz alta. Dos ensaios surgirão novos signos que servirão ou não às propostas estilísticas do encenador. Os atores

apresentarão vários “como fazer” enquanto o diretor escolherá “o quê” permanecerá. Inicia-se (neste processo “ideal”) a seleção do material, as escolhas que culminarão no acabamento do espetáculo.

Dividindo as tarefas ou tomando-as todas para si, o diretor lançará mão de inúmeros recursos para atingir seu objetivo. Tombada a árvore, deverá ser talhada a escultura que ele tem em mente. O estilo agora é um objeto a ser trabalhado, aprimorado. E, para se projetar no espaço (acústico e visual) necessitará de um bom acabamento.

Não há receitas. Há, também, vários “estilos de trabalhos”. Contudo, sem exceção, alguns pontos devem ser levados em consideração, no que diz respeito à questão “acabamento”:

1. Tudo deve servir à ação dramática, sem exceção: figurinos, adereços, objetos cênicos, cenários, iluminação, sonoplastia. O que for supérfluo, joga-se fora;
2. O ritmo não poderá ser confundido com velocidade e sim compreendido como andamento. A alternância dos andamentos sublinhará o jogo dramático tornando-o mais inteligível à platéia;
3. A síntese dos gestos, dos movimentos e das ações dará a “limpeza” necessária ao bom acabamento. Aqui poderemos lembrar a necessidade da criação de uma partitura para cada ator (ainda que esta partitura possa ser elástica) e de uma partitura do espetáculo;
4. A noção clara sobre o “foco de ação”, dirigindo a atenção da platéia para a essência de cada cena, completará o acabamento do quadro.

É lição do “velho teatro” punir os atores que “roubam” cena. Também é lição do “velho teatro” que a história deve ser bem contada, pois a platéia quer participar. De forma épica, ilusionista, medievalista ou classicista, teatro é teatro e, como tal, é oferecido ao público. Infelizmente, ainda hoje, quem faz “teatro popular” parece dispensar o acabamento. Talvez por isso, este teatro de raízes tão nobres seja, ainda, desprezado e considerado menor.

As receitas são muitas, já dissemos. Como apresentar o “prato” é uma questão de sedução. Teatro é jogo e jogo tem regras. O espectador, ainda que não tenha consciência, conhece as regras do jogo. Para surpreendê-lo e seduzi-lo é preciso mentir com sinceridade e estilo.

Neyde Veneziano

31 de março de 2007